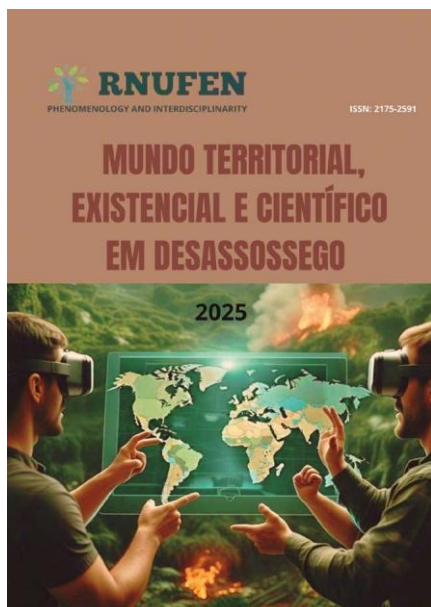




Processos de cidadania cultural e engajamento ocupacional em frequentadores de festas de aparelhagem em Belém/PA

Processes of cultural citizenship and occupational engagement in aparelhagem party attendants in Belém/PA

Procesos de ciudadanía cultural y compromiso ocupacional en asistentes del partido aparelhagem en Belém/PA

2025, Vol. 17, e268724

<https://doi.org/10.26823/rnufen.v17i1.25175>

Grazielly Silva Pires

Universidade do Estado do Pará (UEPA) E-mail: graziellyspires@gmail.com

Ingrid Bergma da Silva Oliveira

Universidade do Estado do Pará (UEPA)
<https://orcid.org/0000-0001-8896-4522> E-mail: ingrid.oliveira@uepa.br

Hevelyn Maria Pereira e Pereira

Universidade do Estado do Pará(UEPA)
<https://orcid.org/0000-0002-9027-1060>

Flávia dos Santos Coelho

Universidade do Estado do Pará(UEPA)
<https://orcid.org/0000-0001-6835-2174>



Recebido em: 12/12/2024 - Aceito em: 30/06/2025. Este artigo da Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity é habilitado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 3.0 Não Adaptada.

Endereço para correspondência: João Pedro Oliveira Soraggi Dias • E-mail: soraggipsi@gmail.com

Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity, Belém-Pará, e25678, 2025.

Resumo

O presente estudo explora o engajamento ocupacional e a cidadania cultural de frequentadores de festas de aparelhagem da região metropolitana de Belém-PA. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo cartográfica, realizada a partir de entrevistas com 9 participantes e registros em cadernos de campo. A análise se deu com a construção de unidades temáticas que enfatizam a caracterização das festas e sentimento de pertencimento; os fatores sociais e culturais como propulsores do engajamento ocupacional nas festas; e o preconceito sobre esses espaços e a dificuldade no reconhecimento de cidadania cultural. Os achados da pesquisa permitem compreender mais sobre a cultura das festas de aparelhagem, ressaltando aspectos envolvidos na troca entre os pares, elementos, e ambientes, do mesmo modo que confirmam que o engajamento ocupacional dos frequentadores favorece o exercício da cidadania cultural, ainda que sob efeito de estigmas.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Terapia Ocupacional; Cidadania;

The present study explores the occupational engagement and cultural citizenship of attendees of sound system parties in the metropolitan region of Belém-PA. This is a qualitative cartographic research, carried out based on interviews with 9 participants and records in field notebooks. The analysis took place with the construction of thematic units that emphasize the characterization of the parties and the feeling of belonging; social and cultural factors as drivers of occupational engagement at parties; and the prejudice about these spaces and the difficulty in recognizing cultural citizenship. The research findings allow us to understand more about the culture of sound system parties, highlighting aspects involved in the exchange between peers, elements, and environments, in the same way that they confirm that the occupational engagement of attendees favors the exercise of cultural citizenship, even under stigma effect.

Keywords: Cultural Property; Occupational Therapy; Citizenship;

Resumen

El presente estudio explora el compromiso ocupacional y la ciudadanía cultural de los asistentes a fiestas sound system en la región metropolitana de Belém-PA. Se trata de una investigación cartográfica cualitativa, realizada a partir de entrevistas a 9 participantes y registros en cuadernos de campo. El análisis se dio con la construcción de unidades temáticas que enfatizan la caracterización de los partidos y el sentimiento de pertenencia; factores sociales y culturales como impulsores del compromiso ocupacional en las fiestas; y los prejuicios sobre estos espacios y la dificultad para reconocer la ciudadanía cultural. Los hallazgos de la investigación permiten comprender más sobre la cultura de las fiestas sound system, resaltando aspectos involucrados en el intercambio entre pares, elementos y ambientes, de la misma manera que confirman que el involucramiento ocupacional de los asistentes favorece el ejercicio de la ciudadanía cultural, incluso bajo el efecto del estigma.

Palabras-Clave: Patrimonio Cultural; Terapia Ocupacional; Ciudadanía;

INTRODUÇÃO

No Estado do Pará, as festas de aparelhagem configuram-se como um fenômeno cultural local, com dinâmicas econômicas, padrões estéticos e tecnológicos próprios, desenvolvidos sob a influência da música brega, um paradigma que envolve estilos, consumos e trocas sociais específicas. Nesse cenário, ocorrem interações, manifestações e a valorização de uma expressão cultural bastante representativa do povo paraense (Costa, 2017; Costa, Castro & Castro, 2021).

As festas de aparelhagem são eventos culturais festivos e tradicionais que surgiram na periferia de Belém e se espalharam por todo o Estado do Pará. Elas se destacam pelos equipamentos e aparatos tecnológicos que estão em constante inovação, como as gigantescas caixas de som, a iluminação moderna e variada, além das telas e mesas de comando para os DJs¹ de aparelhagem. Esses elementos enfatizam as performances artísticas e a interação dos DJs com o público, influenciando os frequentadores de maneira que vai além da estética festiva (Picanço & Leistner, 2018; Costa, 2019).

Essas festas representam a cultura paraense, uma vez que se relacionam com a maneira como os indivíduos aprendem a desempenhar atividades e funções essenciais para sua vida e desenvolvimento, correlacionando-se com as particularidades do meio em que estão inseridos e as influências a que são expostos em um processo contínuo de construção (Brasão, Oliveira, Vilela, Cocco & Sousa, 2020).

Nesse sentido, as festas de aparelhagem são compreendidas como um elemento sociocultural, sendo uma atividade regular e reconhecida como um espaço amplo de lazer (Araújo, Santos & Silva, 2022). Nessa ótica, destaca-se a importância do lazer, que, segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA, 2020), caracteriza-se como uma ocupação fundamental na vida dos indivíduos.

O conceito de lazer é paradoxal, pois depende da vontade e da satisfação pessoal, possuindo a função de descanso, com atividades mais relaxantes e menos ativas, mas também a função de diversão, com atividades dinâmicas e movimentadas. Além disso, o lazer abrange o desenvolvimento de atividades lúdicas ou meramente ocupacionais, impactando positivamente a qualidade de vida e reduzindo a apatia (Duarte, 2013).

Além de configurarem-se como lazer, essas festas também se tornam um espaço de participação social, que, segundo Silva e Oliver (2019), está situada histórica e socialmente sob uma perspectiva analítica e pode apresentar diversos sentidos e significados, como "participação social", "participação popular" e "participação comunitária". Ademais, diferentes visões trabalhadas pela Terapia Ocupacional ajudam a atribuir novos significados à participação social, de modo que, à medida que a cidadania e os direitos humanos se tornam eixos articuladores das ações, a participação social é compreendida como um direito e uma conquista para a cidadania.

O fato de o lazer configurar-se como uma expressão cultural e social acentua nosso interesse em pesquisar o engajamento ocupacional dos frequentadores das festas de aparelhagem, visto que esse

¹ Os Dj's de aparelhagem se diferenciam dos demais em virtude de não somente exercerem o papel de selecionar e reproduzir as músicas, mas pela performance diferenciada que esses desempenham nas festas e como por meio dessas performances eles interagem e se conectam com o público (Picanço & Leistner, 2018).

fenômeno é parte de seu repertório ocupacional.

Percebe-se que essas práticas festivas desempenham um papel fundamental na rotina de seus frequentadores, além de terem efeitos sobre o meio social. Apesar da escassez de estudos ocupacionais sobre o fenômeno das festas, nota-se que o protagonismo das diversas ocupações desenvolvidas durante os eventos remete à forma como os sujeitos e os coletivos participantes vivenciam suas experiências de modo interdependente (Coelho, 2022).

A ocupação, assim como a cultura, possui uma correlação direta com o meio, sendo caracterizada pelo envolvimento dos sujeitos nas atividades do cotidiano (AOTA, 2020). Dentre as discussões sobre como essas práticas estão relacionadas à cultura, destaca-se o conceito de cidadania cultural, que, de acordo com Fernandes (2011), refere-se ao direito de exercer e manifestar-se culturalmente, cuja promoção é dever do Estado.

No Brasil, o conceito de cidadania cultural teve suas primeiras reflexões fomentadas pela filósofa Marilena Chauí, que defende o acesso à cultura como um direito de todo cidadão e atribui ao Estado o papel de agente de políticas culturais (Gonçalves, 2016).

Dessa forma, a proposta de cidadania cultural vai além da esfera cultural, visando à construção de uma sociedade democrática e tendo grande significado para as classes "dominadas" (Fernandes, 2011).

Assim, parece-nos importante associar o conceito de cidadania cultural ao "ocupar-se" dos frequentadores das festas de aparelhagem, tendo em vista os processos relacionados à sua expressão cultural por meio do engajamento em ocupações significativas. Desse modo, destaca-se o conceito de engajamento ocupacional, que é abordado sob a perspectiva da Terapia Ocupacional.

O engajamento ocupacional se relaciona tanto com o fazer do indivíduo para se engajar no processo terapêutico quanto com o envolvimento afetivo e cognitivo nesse fazer, ressaltando as experiências nas ocupações, bem como os contextos e os ambientes nos quais os indivíduos estão inseridos e desempenham suas ocupações (Cruz, Taff & Davis, 2023).

Portanto, a partir dessa associação rizomática de diversos saberes e campos, o presente estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: *como se dá a participação em festas de aparelhagem e qual a relação dessas festas com o engajamento ocupacional e a cidadania cultural de seus frequentadores?*

Os objetivos do estudo foram compreender a cultura das festas de aparelhagem e como ocorre o pertencimento dos frequentadores a esse tipo de manifestação. Além disso, buscamos aprofundar a compreensão sobre a relação entre o processo cultural-social dos participantes e o processo cultural das festas, e, por fim, identificar quais aspectos dessas festas podem impactar o engajamento ocupacional e a cidadania cultural dos frequentadores.

MÉTODO

Este estudo configurou-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza cartográfica, que não entende o método como um conjunto rígido de regras, mas como um olhar crítico que acompanha e discorre sobre as relações e formações rizomáticas, referindo-se a uma topografia dinâmica (Filho & Teti, 2013).

Dessa forma, a construção dos dados e a narrativa dos fatos ocorreram sob a perspectiva cartográfica concebida por Deleuze e Guattari, em que o cartógrafo não é um mero observador, mas um participante presente no processo, sensibilizado por forças e afetos que o atravessam. Essas influências são trazidas para dialogar com o tema e os discursos dos sujeitos da pesquisa.

Partindo dessa premissa, o cartógrafo está presente e atuante no processo, sensibilizado por forças e afetos que o atravessam durante o desdobramento dessas linhas vitais, desmistificando o “ideal” de um sujeito detentor de todo conhecimento. Não há, portanto, um “eu” cêntrico ou uma subjetividade fixa, já que o foco está na relação com o desconhecido e nas reações perante os atravessamentos (Brito & Chaves, 2017).

É importante destacar que a disponibilidade das cartógrafas em participar das festas — dançando, circulando nos espaços, dialogando e observando os frequentadores — as aproximou dessa realidade e constituiu corpos que experimentaram o fenômeno de forma encarnada. As anotações nos cadernos das cartógrafas, por sua vez, guiaram a construção das Unidades Temáticas.

A pesquisa foi realizada com nove frequentadores assíduos de festas de aparelhagem da região metropolitana de Belém, que concordaram em participar do estudo. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam a um roteiro de entrevista entre os meses de maio e junho de 2023. A busca por participantes ocorreu em festas realizadas em diferentes espaços sociais, tanto na periferia quanto no centro da região metropolitana, com o objetivo de verificar as particularidades de cada ambiente e abranger a diversidade de frequentadores.

Para a captação dos participantes, utilizamos o método de amostragem não probabilística conhecido como Bola de Neve (*snowball*). A partir do primeiro participante que aceitou contribuir com a pesquisa, após contato direto e aleatório na primeira festa frequentada pelas cartógrafas, foi possível construir uma rede de indicações. Essa técnica é amplamente utilizada em estudos qualitativos, especialmente para alcançar populações pouco conhecidas ou de difícil acesso (Bockorni & Gomes, 2021).

Foram realizadas entrevistas presenciais com roteiro elaborado pelas autoras, além da observação dos espaços, movimentos e coletivos nos locais das festas. Foram entrevistados três frequentadores da cidade de Belém, um de Ananindeua e cinco de Marituba, totalizando três mulheres e seis homens, com idades entre 24 e 39 anos. Entre os participantes, dois tinham ensino superior completo, um ensino superior incompleto, quatro ensino médio completo, um ensino médio incompleto e um não informou sua escolaridade.

Essas entrevistas foram realizadas em locais variados, como espaços de shows, arenas e residências dos frequentadores, não configurando espaços físicos fixos, e seguiam cronogramas flexíveis. O caderno das cartógrafas, que corresponde a um caderno de campo, registrou suas experiências e os atravessamentos decorrentes do contato tanto com o público quanto com a vivência das festas.

A produção dos dados trouxe elementos que contribuíram para a construção de uma percepção sobre a forma como ocorre o engajamento ocupacional desses frequentadores, assim como os processos culturais e sociais que atravessam esse engajamento.

As entrevistas buscaram produzir conhecimento sobre as trajetórias dos frequentadores no contexto das festas de aparelhagem, reconhecendo com o que eles mais se identificavam, o que os

atraía a esses espaços (motivos relacionados ao seu engajamento) e as ocupações desempenhadas em seus cotidianos (trabalho, religião, lazer). O objetivo era compilar possíveis similaridades no engajamento ocupacional dos participantes.

As entrevistas não condicionaram a pesquisa a um distanciamento neutro entre entrevistador e entrevistado; ao contrário, buscaram construir e desenvolver uma experiência compartilhada entre ambos (Tedesco, 2015). Embora valorizasse a obtenção de informações, a entrevista não se limitava à coleta de dados, mas propunha a constituição de uma experiência significativa, com interesse mútuo pelo diálogo em si, caracterizando um exercício cartográfico autêntico (Tedesco, 2015). Ou seja, sob a perspectiva cartográfica, a entrevista explora a experiência compartilhada, possibilitando, a partir dessa interação, a construção de novos conhecimentos (Tedesco, 2015).

Nessa perspectiva, a análise dos dados foi móvel e abrangente. Após o término das entrevistas, houve a transcrição fiel dos áudios, seguida de uma reflexão sobre a relação com os registros no caderno das cartógrafas, analisando a correspondência entre esses materiais e a temática do estudo.

As informações obtidas foram categorizadas em unidades temáticas para aprofundar aspectos relevantes do material levantado. Além disso, no decorrer do artigo, os participantes serão identificados por pseudônimos, com nomes de aparelhagens. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) sob o parecer nº 6.016.505, de 24 de abril de 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Utilizamos a Análise Temática para discutir os dados produzidos em três Unidades de Significação. A primeira é "Caracterização das festas de aparelhagem e o pertencimento dos frequentadores"; a segunda, "Fatores sociais e culturais dos frequentadores como propulsores do engajamento ocupacional nas festas"; e a terceira Unidade, "O preconceito e a estigmatização na construção de espaços marginalizados: dificuldades de reconhecimento de cidadania cultural nas festas de aparelhagem". A análise afinou as semelhanças entre os discursos dos participantes da pesquisa e a literatura dentro da perspectiva do engajamento ocupacional e da cidadania cultural.

1) Caracterização das festas de aparelhagem e o pertencimento dos frequentadores

Lima (2016) observa que, durante a primeira década dos anos 2000, as festas de aparelhagem, devido à sua projeção e visibilidade contínuas, passaram a atrair diferentes públicos, oriundos de variados segmentos da sociedade. Eram curiosos em geral, jornalistas e, principalmente, jovens de camadas econômicas médias e altas, interessados em participar e conhecer esse fenômeno cultural. Esse público, incentivado ou não pela mídia, começou a se alinhar, vagarosamente e com algumas limitações, aos frequentadores tradicionais. Assim, misturavam-se frequentadores ocasionais, movidos apenas por curiosidade, com aqueles que se sentiam de fato pertencentes à "cultura das aparelhagens".

Nesse cenário, é válido destacar as conjunturas de pertencimento às aparelhagens, que variam desde questões territoriais (periferia), estéticas (narrativa dos DJs) e estilos musicais (brega), até aspectos particulares de cada sujeito, como evidenciado nos seguintes discursos:

"[...] movimento de aparelhagem é muito intenso, muito grande... a periferia cem por cento é

aparelhagem [...] o que eu mais gosto é [...] levar o divertimento [...] entretenimento para o público” (Tupinambá).

“Eu gosto da **animação**, das **músicas** [...] **conexão** que tem do DJ com o público [...] acho interessante” (Walson).

Picanço e Leistner (2018) afirmam que as aparelhagens são essenciais a tal ponto que, sem sua existência, não haveria festas de tecnobrega. O tecnobrega, enquanto música e estética, faz parte do cotidiano paraense e é consumido por grande parte da população, especialmente periférica. Uma das formas de consumir esse estilo musical é frequentar as festas de aparelhagens, nas quais esse gênero é predominante. Esses eventos circundam as realidades, conectando a periferia ao centro por meio de tecnologias e seus efeitos, o que favorece a atração de frequentadores, consolidando certa inserção tecnológica (Picanço & Leistner, 2018).

Dentro desse universo de vivências, destacam-se as performances realizadas pelas estruturas da aparelhagem em si, que atraem frequentadores não apenas pela dança e efeitos sonoros do tecnobrega, mas também pela promessa de presenciar o movimento da aparelhagem em si, impulsionado por constantes lançamentos musicais e inovações tecnológicas (Picanço & Leistner, 2018).

“[...] um **estilo de cultura que eu admiro... do meu Estado**, que é algo **nosso** e que eu vejo [...] muito potencial [...] As músicas, as melodias, as batidas são algo que envolve, é dançante, é estimulante [...] a sensação de sentir algo” (Ouro Negro).

As festas de aparelhagem configuram-se como espaços que propiciam múltiplas vivências e identificações para o público, seja por questões territoriais, tendências musicais atuais ou familiaridade com estilos musicais. Essas características atraem e geram um sentimento de pertencimento não só aos espaços dos eventos, mas também ao que representam.

O pertencimento, portanto, é um sentimento suscitado pelas relações estabelecidas em comunidades que se associam à ideia de coletividade e/ou grupalidade. Essas participações nesses espaços de trocas sociais produzem conexões de pertencimento e identidade (Bianchi & Malfitano, 2020).

Coelho (2022) infere que o pertencimento é um componente essencial para a caracterização das festas, assim como para sua realização e preservação. O pertencimento aos coletivos favorece a identificação por meio das ocupações comuns desempenhadas. A autora também destaca o pertencimento como formador e impulsionador do que ela reconhece como ancestralidade festiva.

Percebeu-se, nas falas dos participantes, o destaque das vivências enquanto símbolos culturais paraenses, que refletem os impasses cotidianos e o círculo social dos sujeitos, dentro da peculiaridade regional dessas experiências.

Nesse sentido, as festas de aparelhagem são uma constante nos cenários de vida dos frequentadores, atreladas ao coletivo social ao qual pertencem, evidenciando seu engajamento nesses espaços, como observamos nos seguintes excertos:

“Desde quando eu me entendo por gente sou fascinado em festa de aparelhagem, eu acho um movimento artístico bom no Pará, cultural top” (Walson).

“[...] as músicas no estilo paraense são um outro gosto” (Itamaraty).

“Eu sempre fui apaixonado por aparelhagem” (Brasilândia).

Os frequentadores utilizam esses espaços assumindo papéis e reproduzindo comportamentos semelhantes, como danças e movimentos variados, sendo envolvidos e formando um todo visualmente perceptível, uma espécie de coletivo com características próprias, o que lhes permite se reconhecer e se identificar nesses ambientes festivos (Costa, 2017).

Ainda sob essa perspectiva, Costa, Castro e Castro (2021) reafirmam a importância social vinculada aos locais de realização desses eventos, destacando as mudanças de preços e horários que influenciam o público frequentador. Assim, compreende-se que o público se diversifica de acordo com as características dos locais onde as festas ocorrem.

“[...] acho que o que movimenta a aparelhagem é o público; se não tiver público, não tem aparelhagem” (Walson).

“[...] A gente também seleciona alguns lugares para ir. Por exemplo, não são todos os lugares que eu vou, mas, na grande maioria, eu gosto da aparelhagem, e o lugar eu escolho” (Ouro Negro).

“[...] diversas pessoas dizem que às vezes é perigoso e realmente pode ser, dependendo do local [...] o que me atrai a continuar indo é dançar e escutar o brega marcante” (Pop Som).

Essas falas abrem espaço para refletir sobre as questões sociais que envolvem o pertencimento. Mesmo identificando barreiras sociais para frequentar certos espaços, os atrativos e as afetações se sobrepõem, levando os sujeitos a buscar meios para se inserir e selecionar os lugares que frequentam.

Pertencer relaciona-se à interação social, ao apoio mútuo, ao senso de inclusão e autoafirmação, além de um reconhecimento positivo de si e de um sentimento de fazer parte de algo maior (Carreira De Melo, Dituri & Marcolino, 2020). Segundo Wilcock (1999), referência na Terapia Ocupacional, pertencer é da ordem de um senso de conexão com outras pessoas, lugares, comunidades e culturas, considerando o contexto em que as ocupações ocorrem. Para que o pertencimento se concretize, os relacionamentos são essenciais, seja com pessoas, grupos ou lugares, e o sentimento de reciprocidade também é fundamental (Hitch, Pépin & Stagnitti, 2014; Carreira De Melo, Dituri & Marcolino, 2020).

Portanto, o pertencimento pode favorecer o engajamento ocupacional, uma vez que esses aspectos se retroalimentam. O engajamento ocupacional descreve uma forma de envolvimento no "fazer" que prioriza as experiências subjetivas, afetivas e cognitivas desse fazer (Cruz, Taff & Davis, 2023).

Sob essa premissa, as festas de aparelhagem são eventos que carregam atravessamentos sociais e culturais, estabelecendo uma relação significativa com o público. O tecnobrega, além de sua dimensão cultural, está atrelado a efeitos visuais, danças, padrões de consumo e práticas sociais, gerando debates sociais que perpassam questões sobre as estruturas sociais e sua diferenciação na periferia (Costa, Castro & Castro, 2021; Lima & Chagas Júnior, 2019).

“[...] talvez eu não tenha essa necessidade de me questionar no espaço. Eu me sinto parte dele, entendeu?” (Ouro Negro).

“[...] acho que é uma cultura tão nossa que nos sentimos em casa, como se fosse uma parte de nós” (Menina Veneno).

“[...] via as pessoas curtindo e achava legal, apesar de não gostar. Depois, quando comecei a

gostar, percebi por que elas se divertiam" (Pop Som).

Compreendemos, por meio dos relatos e da literatura especializada, que o pertencimento é um fator crucial para promover o engajamento ocupacional. Esse sentimento permite que os frequentadores permaneçam nesses espaços, exercendo trocas sociais, resistindo às dificuldades e fortalecendo uma rede que se conecta por meio de afetos e identificações mútuas.

2) Fatores sociais e culturais dos frequentadores como propulsores do engajamento ocupacional nas festas

"Acredito que nós, paraenses, somos embalados desde criança nesse ritmo de aparelhagem" (Brasilândia).

Costa (2019) destaca a eficácia simbólica das festas de aparelhagem, que promovem a popularidade e legitimidade desses eventos como protagonistas do lazer de massa em Belém. As festas possuem raízes profundas e devem ser consideradas, caso a caso, na história de interações entre público, proprietários e funcionários dos sistemas de sonorização.

As festas de aparelhagem ocorrem por meio de desdobramentos intrínsecos que circundam o *modus operandi* social vinculado, em uma constante troca de acontecimentos (Lima & Chagas Júnior, 2019). O gerenciamento das etapas que antecedem a realização das festas, como a concepção, produção e divulgação em mídias, é pensado de forma a convergir para que tais eventos culminem em um estado de empolgação, acionando memórias afetivas, cujo ápice se dá na realização do evento:

"Uma música traz algum momento da tua vida que tu lembra [...] Se não tem público pra ir... não vai existir a aparelhagem, DJ não vai ganhar dinheiro, não vai ter carregador de aparelhagem, não vai ter nada" (Walson).

"[...] Papai sempre teve aparelho sonoro, então convivi com isso, aprendi a gostar" (Tupinambá).

"[...] Desde que me entendo por gente, meu pai trabalha com esse evento... e todo dia teve aparelhagem" (Itamaraty).

"Eu gosto de sair para me divertir, sair da rotina" (Ciclone).

Dessa forma, as festas de aparelhagem se inserem no conjunto de modalidades festivas associadas à atuação desses equipamentos, identificados pela utilização de suntuosos aparatos eletrônicos, sonoros e visuais (Lima, 2016). A relação entre o público e as aparelhagens se baseia na originalidade e eficiência com que as aparelhagens se inovam e evoluem. Isso envolve a modernização dos aparatos tecnológicos e o carisma e destreza dos DJs, que, por meio de vinhetas, chamadas ao microfone e intervenções musicais, estabelecem conexões com os frequentadores (Lima, 2016).

As aparelhagens são compostas por torres de caixas de som, mesas de som, iluminação, letreiros e telões. Elas são as principais responsáveis pela divulgação do gênero musical brega/tecnobrega no Pará e pela conexão com a identidade bregueira juvenil (Picanço & Leistner, 2018). Os aparatos tecnológicos corroboram para a atração do público e sua conexão afetiva e sociocultural com as festas, como relatado pelos participantes:

"Parada de telão, iluminação, uma parada bacana... Fico bem do lado da mesa de som... onde eu acho mais interessante ficar" (Walson).

"[...] As sensações que as músicas trazem, a eletrização, o corpo, mesmo, a emoção que você escuta" (Ouro Negro).

"[...] Eu deliro... é uma euforia... sensação de alegria... é uma coisa que não dá para explicar" (Menina Veneno).

As trocas sociais dentro desses espaços são muito propícias e fazem parte da construção da identidade dos frequentadores, que ocorre naturalmente devido às dinâmicas existentes nos eventos:

"Construí muita amizade... Gente que fala 'Ah, amizade de festa não é amizade para a vida', mas eu já discordo. Uma amizade de festa foi a que conseguiu um emprego para mim [...] tu conhece pessoas de tudo que é jeito, de tudo que é bairro" (Meteoro).

Sob a perspectiva da Terapia Ocupacional, a relação entre lazer e participação social, ocupações essenciais, ocorre em conexão nos espaços de festas, onde os frequentadores praticam lazer, e as trocas estabelecidas favorecem a participação social (AOTA, 2020).

Lima (2016) define as festas de aparelhagem como práticas e relações sócio-significativas construídas e reproduzidas no cotidiano por meio de recursos estéticos-performáticos, que constituem uma ordem festiva própria. Esse vínculo entre o público e as aparelhagens resulta em relações que perpassam a rotina dos sujeitos e favorecem a interação entre festa e vida cotidiana.

Esse vínculo é nutrido e enraizado por práticas e relações sociais desenvolvidas historicamente no cotidiano paraense. Ele se remodela e reconstrói ao longo do tempo e da história dos frequentadores. Assim, a festa não se concentra apenas no momento de sua realização, mas permeia o imaginário coletivo, associando experiências, espaços, memórias e sensações.

Além disso, a festa é "setorizada", com cada momento apresentando um destaque específico, acionando sensações como romance, saudade e extravasamento:

"As festas de aparelhagem têm três momentos: o eletrizante, o romântico e o saudoso... Eu gosto dos três... o eletrizante pela questão do 'extravasar', porque você consegue liberar sua energia; o saudoso, que hoje, nesse momento, eu escuto algumas músicas e lembro de pessoas que eu amava, como minha mãe; e o terceiro, como eu disse, é a emoção de ter um romance, um contatinho, e você encaixa sua história naquelas sensações e emoções que as músicas tocam naquele espaço" (Ouro Negro).

Os discursos dos participantes indicam que a forte influência familiar é um dos principais pontos que despertam o interesse pelos eventos, sendo a família um agente introdutor desse universo no cotidiano dos novos frequentadores:

"Eu nasci no meio disso... Papai sempre teve aparelho sonoro, então convivi com isso, aprendi a gostar" (Tupinambá).

"[...] Desde criança eu vou, eu ia com a minha mãe" (Menina Veneno).

"Foi minha família, né, a gente tem aparelhagem na família, então sempre teve esse convite..." (Pop Som).

Reis, Prata e Parra (2018) sinalizam que a família, como o primeiro modelo de crenças e valores, é uma importante fonte de transmissão de comportamentos aos indivíduos em processo de formação. Ferronato (2015) ressalta que a construção da identidade é pessoal e social, ocorrendo de forma interativa entre o sujeito e o meio ao qual está inserido.

A identidade pessoal e social constrói-se em tensão permanente com a identidade cultural,

uma vez que a cultura fornece padrões de interpretação do mundo, valores, crenças e formas de ação, construídos por meio de processos socializadores (Gonçalves, 2008).

Alguns relatos dos frequentadores demonstram como as relações familiares influenciam os sujeitos e destacam os processos de iniciação nas festas:

"Tinha doze anos... Na época, era a festa do pai do meu padrasto, e eu entrei de boa" (Walson).

"[...] Sempre tive influência de casa, então, desde a infância, já ouvia CD, já ouvia DVD. Esse foi meu primeiro incentivo, até porque minha família sempre foi muito cultural, tecnobrega e carimbó" (Meteoro).

"[...] O interesse foi estimulado pela família, mas gostar é uma vontade pessoal" (Ouro Negro).

Percebe-se que o contexto familiar não está apenas no início da participação nos eventos, mas também marca a continuidade e manutenção dessa relação, muitas vezes carregada de memórias afetivas:

"[...] Eles preferem que eu vá para a festa de aparelhagem do que para outras festas, porque lá é tudo nosso, e eles acham que estarei mais segura... Eu me sinto mais segura" (Pop Som).

"[...] Meu padrasto sempre foi envolvido com festas de modo geral, e antigamente eram feitas na rua... A gente fazia muito esse tipo de festa no quarteirão da minha casa, então minha casa virava banheiro de festa, virava bar. Me lembra muito esse período" (Pop Som).

"[...] Meu tio foi meu principal influenciador... Ele faleceu, e herdei as amizades dele. Quando saio, muita gente fala: 'Ah, eu lembro do teu tio... dessa música, desse dia, dessa aparelhagem'. Então ficou a lembrança dele" (Meteoro).

"[...] A lembrança mais fidedigna que tenho da minha mãe é escutar uma música de um baile da saudade, uma música melancólica que toca no espaço de aparelhagem, e me faz lembrar dela" (Ouro Negro).

Esses relatos ratificam que o engajamento ocupacional está conectado aos fatores sociais e culturais mencionados nesta unidade temática. Segundo Cruz, Taff e Davis (2023), o engajamento ocupacional se relaciona com as conexões interpessoais vivenciadas pelos sujeitos. Ele considera os contextos em que os indivíduos estão inseridos, suas histórias ocupacionais, suas experiências afetivas e, sobretudo, o ambiente e a comunidade onde o engajamento acontece.

Neste cenário, o lazer é central para o engajamento ocupacional dos frequentadores das festas de aparelhagem, que, em sua maioria, foram impulsionados pelos contextos familiares em que estão inseridos:

"[...] Não é só pela titulação, é pela familiaridade. É algo que veio desde a infância. A gente escutava junto, permaneceu escutando junto, e escutamos até hoje" (Ouro Negro).

3) O preconceito e a estigmatização na construção de espaços marginalizados: dificuldades de reconhecimento de cidadania cultural nas festas de aparelhagem

Popularmente, existe uma concepção reduzida de cultura, tratando-a como forma de lazer e entretenimento, ou mesmo como grau de civilidade. Muitas vezes, essa visão se revela acrítica e

controladora, contrastando com definições que a dimensionam como um campo amplo, democrático, diverso e contextualizado, caracterizando-a como um processo de existir, criar, expressar vivências, sentidos e fazeres, aquilo que se constrói e se sonha (Silvestrini, 2019).

Essa concepção gerou reflexões sobre o exercício da cidadania cultural favorecido pelas aparelhagens, que constituem locais próprios e férteis para a expressão da cultura de seus frequentadores. Apesar de ser ressaltada a importância da cultura como cidadania, símbolo e forma de organização socioeconômica inclusiva, entende-se que essas dimensões estão implicadas e inter-relacionadas. Para promovê-la, é necessário o interesse das diferentes esferas políticas para legislar, promover e garantir direitos que sustentem a cultura a partir dessa perspectiva plural (Silvestrini, Silva & Prado, 2019).

A cidadania cultural insere-se, portanto, em uma perspectiva democrática, que não vê os indivíduos apenas como consumidores ou contribuintes, mas como sujeitos políticos. Compreende-se que a cultura deve ser vista como um direito do cidadão, e que o direito ao debate e à reflexão deve se traduzir no direito de produzir cultura, usufruir de seus bens, inventar novos significados culturais, promover formação cultural e artística, além de fomentar o trabalho cultural crítico e transformador (Gruman, 2012).

Há muitos marcadores sociais presentes nos espaços das festas, que refletem o exercício da cultura local, o pertencimento e a valorização dessa cultura no cotidiano dos participantes:

"[...] Eu vou falar uma coisa que pode até soar engraçada, mas eu aprendi a brigar na festa de aparelhagem. E, quando digo brigar, não falo de porrada, mas de garantir meus direitos; aprendi a me impor dentro da festa [...] Aprendi a me colocar no mundo, acho que esse convívio me ajudou a ser quem sou hoje" (Pop Som).

As festas de aparelhagem são regularmente associadas ao público periférico e marginalizado, frequentemente descrito como pertencente a "castas sociais" baixas. O termo "minorias", aplicado a esses grupos, sofre distorções e precisa ser compreendido em seu sentido socioantropológico, correspondendo a grupos excluídos das bases hegemônicas de poder, privilégio e prestígio (Freitas, 2007).

"[...] Apesar de ser discriminado... 'Ah, porque aparelhagem é coisa de bandido' e isso e aquilo... [...] porque vem da periferia e tudo" (Meteoro).

Essas periferias e subúrbios criam uma realidade à parte da sociedade, marcada pela pobreza, violência e marginalização, mas também produzem cultura nesses ambientes. Essa cultura é, por vezes, vista como exótica ou diferente, e, em outros casos, caracterizada como um mecanismo de conformação de sujeitos da periferia (Silva, 2011).

Picanço e Leistner (2018) afirmam que o público frequentador das aparelhagens é constantemente associado à marginalidade, devido a traços estéticos como corte de cabelo, vestimentas e outros elementos visuais. Assim, a comunidade "bregueira" é muitas vezes estereotipada negativamente:

"No ensino fundamental, fui estudar numa escola de rico... Minha mãe era funcionária... conseguiu uma bolsa... As meninas, filhinhos de papai... me discriminavam pelas músicas que eu ouvia, pela forma como me vestia fora da escola" (Meteoro).

A construção da identidade entre os jovens e adolescentes também se dá por suas roupas,

estilos de vida e cortes de cabelo, sendo muitas vezes marcada pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas e a forma como se comportam nos ambientes. Esse processo leva à padronização de estilos nos espaços das festas (Picanço & Leistner, 2018).

Em consonância, Costa, Castro e Castro (2021) comparam as vestimentas dos frequentadores, destacando que essas mudam conforme o ambiente das festas. Em festas na periferia, com estruturas mais simples, o estilo difere daquele presente em festas no centro de Belém, com uma estrutura mais sofisticada.

Mais recentemente, festas que antes ocorriam em espaços periféricos têm se apropriado de lugares tradicionalmente vinculados à "classe média" de Belém, assumindo novas feições (Lima, 2016). Os participantes também refletem sobre a estética, escolha de local e o tipo de público que frequenta esses espaços:

"[...] Eu sei que bandido frequenta, sei que médico frequenta, sei que advogado frequenta; é algo que abrange todas as classes sociais" (Meteoro).

Costa (2017) reafirma o preconceito que esses eventos sofrem, com as festas de aparelhagem sendo frequentemente vistas como violentas e associadas a uma cultura periférica, com os frequentadores sendo estigmatizados como pertencentes a "castas" mais baixas e minorias.

As percepções estigmatizantes foram recorrentes nos discursos dos participantes ao longo das entrevistas:

"Falam que é coisa de quem usar droga... desocupado, vagabundo, etc." (Walson).

"[...] Principalmente dentro da faculdade. Passei por isso durante a graduação, com aquele típico preconceito disfarçado de piada, disfarçado de brincadeira, né?" (Pop Som).

"Quando eu trabalhava, as pessoas diziam que festa de aparelhagem é coisa de pobre, de vagabundo, que só dá gente que não presta, essas coisas assim" (Menina Veneno).

"Preconceito sempre vai ter... porque aparelhagem é periferia... realmente há muito preconceito" (Tupinambá).

Segundo Freitas (2007), é evidente que essas minorias, por estarem em desigualdade de direitos e oportunidades em relação a grupos dominantes, são alvos de discriminação, preconceito, exclusão ou invisibilidade.

Ratificamos, portanto, a importância de elencar esses coletivos como protagonistas em estudos científicos, ampliando a visibilidade e voz dos sujeitos e suas expressões culturais.

"Então, frequentar esse espaço de aparelhagem, especialmente dentro da Terra Firme [bairro periférico de Belém], vejo como minha obrigação... Em vez de dar dinheiro para a galera que tá lá na casa de festa na Doca, vou dar dinheiro para a aparelhagem na Terra Firme, porque sei que é uma galera que precisa mais" (Pop Som).

"Acho que isso é nossa cultura... quem tem que valorizar nossa cultura somos nós, paraenses [...] É uma cultura tão nossa que a gente não vê por aí, tu não vê em outro local... Mesmo comparando com raves, essas coisas, não tem nem comparação. Acho que faz parte da gente" (Menina Veneno).

Essa Unidade tem como objetivo compreender as barreiras que os frequentadores enfrentam ao longo de suas vidas. O preconceito e a estigmatização dificultam o reconhecimento e o valor da cultura das festas de aparelhagem, interferindo na apropriação dos espaços enquanto direito à

liberdade e à prática da cidadania cultural.

Ao analisar o conteúdo discutido, as festas de aparelhagem, em seus múltiplos desdobramentos, mostram-se como um jogo de sentidos heterogêneos, representadas tanto como sustentáculos de uma cadeia cultural periférica, independente e original, quanto como uma cultura vista de forma pejorativa, alienante e marginal (Lima, 2016).

Nesse contexto, é insuficiente apenas analisar os processos de exclusão e marginalização desses sujeitos silenciados. É necessário elaborar estratégias de inclusão dessas subjetividades na própria concepção do interlocutor (Patrocínio, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou uma aproximação do campo da cultura, compreendendo as festas de aparelhagem dentro dessa amplitude. A partir dessa premissa, foi possível entender como o engajamento ocupacional nas festas de aparelhagem pode favorecer a cidadania cultural dos frequentadores.

As festas de aparelhagem foram apontadas, ao longo da produção dos dados, como espaços de lazer, mas também como locais vinculados a memórias afetivas, resultado de influências familiares, além de serem, em alguns casos, fonte de renda. Apesar desta última nuance não ter ganhado grande destaque nas análises, essas motivações contribuem para a assiduidade do público e a instalação de sentimentos de pertencimento e identificação, promovendo, assim, o exercício ativo e resistente da cultura desses indivíduos, frente aos preconceitos e repressões socialmente impostas.

No entanto, o preconceito e a estigmatização relacionados às festas sustentam a dificuldade de reconhecimento da cidadania cultural associada a essas práticas. Isso ocorre devido à constante associação que os não frequentadores fazem do público das festas com a marginalidade, seja por características estéticas, seja pelo fato de a maioria dos eventos ocorrer na periferia.

As limitações deste estudo estão relacionadas, principalmente, ao número reduzido de participantes, que representam uma pequena amostra de um público vasto e diverso, com suas próprias particularidades. Além disso, observou-se uma menor participação de indivíduos que não tinham vínculos familiares ou financeiros com as aparelhagens, ou seja, poucos sujeitos que não foram imersos no contexto das aparelhagens desde sua formação pessoal e familiar participaram de maneira espontânea. Também destacamos a falta de variações socioeconômicas entre os participantes, o que limitou a escuta de perspectivas sociais e políticas diversas.

Um dos impasses da pesquisa foi a dificuldade dos próprios participantes em reconhecerem as festas de aparelhagem como patrimônio cultural. Isso afetou sua percepção de si mesmos como indivíduos que exercem cultura e, por consequência, cidadania cultural.

Por fim, este estudo desenvolveu-se sob a perspectiva da ciência ocupacional e da Terapia Ocupacional, no que se refere aos referenciais sobre engajamento ocupacional, pertencimento, lazer e participação social, bem como o exercício da cidadania cultural. A pesquisa buscou promover a valorização da cultura das festas de aparelhagem, suas simbologias e significados, atrelados a aspectos sociopolíticos, voltados à imersão no contexto das periferias, suas dinâmicas e modos de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, P.S.C., Santos, A. A., Silva, E. M. (2022). Festas de aparelhagem em Belém – Pará: Lazer dos celebrantes na visão dos comandantes. *Revista do programa de pós-graduação interdisciplinar em estudos do lazer*, 25(1), 369-393, Belo Horizonte. doi: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2022.39110>.

Bianchi, P. C & Malfitano, A. P. S. (2020). Território e comunidade na terapia ocupacional brasileira: uma revisão conceitual. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 621-639. doi: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1772>.

Bockorni, B. R. S & Gomes, A. F. (2021). A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, 22(1), 105-117, Umaram. doi: <https://doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346>.

Brasão, H. J. P., Oliveira H. C. P., Vilela P. A. L., Cocco D. D. A., Sousa C. S. (2020). Diversidade cultural e cidadania. *Cadernos da Fucamp*, 19(41), 87-95, Minas Gerais, 2020. Recuperado de <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2225/1377>.

Brito, M. R. & Chaves, S. N. (2017) ...Cartografia...: uma política de escrita. *Rev. Polis Psique*, 7(1), 167-180, Porto Alegre. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2238-152X2017000100010&lng=pt&nrm=i.

Carreira de Melo, A. C., Dituri, D. R., Marcolino, T. Q (2020). A construção de sentidos sobre o que é significativo: diálogos com Wilcock e Benetton/ The meaning making of what is meaningful: dialogues with Wilcock and Benetton. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 352–373. <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2473>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Coelho, F. dos S. (2022). *O circuito bregueiro de Belém do Pará: compreendendo a dimensão ocupacional dos Bailes da Saudade* (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. doi: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15788>.

Costa, Antonio Maurício. (2019). O Caboclo Forte Tupinambá: Aparelhagem sonora, agência e religião em Belém do Pará. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 34(99), 65-80. doi: <https://doi.org/10.1590/349903/2019>.

Costa, H. C. P. (2017). *O Arrasta Povo do Pará: A experiência comunicativa e estética nas festas de aparelhagem Super Pop* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém. Recuperado de https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/11179/1/Dissertacao_ArrastaPovoPara.pdf.

Costa, H., Castro, F. & Castro, M. (2021). Consumo e socialidade nas festas de

aparelhagem de Belém, Brasil. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, 53(27), 131-161, Colima. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7967042.pdf>.

Cruz, D. M. C., Taff, S., & Davis, J. (2023). Occupational engagement: some assumptions to inform occupational therapy. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31. doi: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR259233852>.

Duarte, S. M. E. (2013). *O Contributo das Atividades Ocupacionais e de Lazer na Satisfação de Vida e Bem-Estar no Processo de Envelhecimento de Idosos Residentes na Área Urbana da Cidade da Covilhã* (Dissertação de Mestrado), Universidade da Beira Interior, Covilhã. Recuperado de <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3140/1/Silvia%20Duarte%20M4414.pdf>.

Fernandes, N. M. (2011). A cultura como direito: reflexões acerca da cidadania cultural. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 32(2), 171-182, Londrina. doi: <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2011v32n2p171>.

Ferronato, V. F. O. (2015). A importância da família na formação social do adolescente. *Revista de Educação*, 18(24), 3-9, Londrina. Recuperado de <https://seer.pgskroton.com/educ/article/view/3341>.

Filho, K. P. & Teti, M. M. (2013). A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, 38:45-59, Santa Cruz do Sul. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf>.

Freitas, R O. (2007). A periferia da periferia: mídias alternativas e cultura de minorias em ambientes não-metropolitanos. *Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria*, 1(17), 191-212. Recuperado de <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/866>.

Gonçalves, Monica Villaça. (2016). “Eu nem sabia que podia entrar aqui”: promoção de cidadania cultural como experiência de ressignificação de identidade de jovens em conflito com a lei. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, 24(1), 127-137. doi: <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0664>.

Gonçalves, M. A. S. (2008). Escola, adolescência e construção da identidade. *Docplayer*, 1(1), 1-24. Recuperado de <https://docplayer.com.br/7165952-Escola-adolescencia-e-con>.

Gruman, M. (2012). Caminhos da cidadania cultural: o ensino de artes no Brasil. *Educar em Revista*, Editora UFPR, (45), 199-211, Curitiba. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000300014>.

Hitch, D., Pépin, G., & Stagnitti, K. (2014). In the footsteps of Wilcock, part one: the evolution of doing, being, becoming, and belonging. *Occupational Therapy in Health Care*, 28(3), 231-246. doi: <https://doi.org/10.3109/07380577.2014.898114>.

Lima , A. F. & Chagas Junior, E.M. (2019). O fenômeno das festas de aparelhagem: experiências, gregarismos e contradições. *Revista do programa de pós-graduação em*

comunicação, linguagens e cultura da Universidade da Amazônia, 16(1), 52-64. doi: <http://dx.doi.org/10.17648/1415-7950-v16n1-1677>.

Lima, A. F. (2016). A “moda” das aparelhagens. *Ponto Urbe* [online], 19, 1-19. doi: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3252>.

Patrocínio, P. R. T. (2007). A voz da periferia e a função do intelectual. *Academia*. Recuperado de https://www.academia.edu/36103589/A_voz_da_periferia_e_a_fun%C3%A7%C3%A3o_do_intelectual_1.

Picanço, M. N. B., Leistner M. M. (2018). Por entre os palcos da “Festa de Aparelhagem”: performances corporais, objetos tecnológicos e identidades juvenis “bregueiras”. *Cadernos de arte e antropologia*, 7(1), 65-80. doi: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.1379>.

Reis, D. M, Prata, L. C. G & Parra, C. R. (2018). O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil. *Psicologia.pt*, 1(1):1-20. Recuperado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1253.pdf>.

Silva A.C. & Oliver F. C. (2019). Participação social em terapia ocupacional: sobre o que estamos falando?. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, 27 (4), 858-872, São Carlos. doi: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1883>.

Silva, D. M. (2011). *Erudito som de Batidão: Movimentos culturais de periferia e suas práticas para a reelaboração de territórios comunicacionais* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. doi: <http://hdl.handle.net/10183/37559>.

Silvestrini, M. S. (2019). *Terapia Ocupacional e Cultura: uma curadoria de tessituras entre Práticas, Políticas, Direitos e Diversidade* (Dissertação de Mestrado) em Terapia Ocupacional). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. recuperado de <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11260>.

Silvestrini, M. S., Silva, C. R. & Prado, A. C. da S. A. (2022). Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(4), 929-940, São Carlos. doi: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1727>.

Tedesco, S. (2015). A Ética da pesquisa e a perspectiva da cartografia: algumas considerações / The ethicsofresearchandthecarthografic perspective: some considerations. *Revista Polis e Psique*, 5(2), 32-47, Porto Alegre. doi: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.53952>.

Wilcock, A. (1999). Reflections on doing, being and becoming. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 65(5), 248-256. doi: <https://doi.org/10.1177/000841749806500501>.